

# DIALOGIA DA LINGUAGEM EM *POST* DE *FACEBOOK*: PRESSUPOSTOS BAKHTINIANOS EM GÊNERO DISCURSIVO DIGITAL

Sandy Tavares de Almeida (UESB<sup>1</sup>)

[sandyalmeida11@gmail.com](mailto:sandyalmeida11@gmail.com)

Márcia Helena de Melo Pereira (UESB)

[marcia.helena@uesb.edu.br](mailto:marcia.helena@uesb.edu.br)

Marina Martins Pinchemel Amorim (UESB)

[marinapinchemel@gmail.com](mailto:marinapinchemel@gmail.com)

## RESUMO

Segundo Bakhtin (2016), em todo enunciado há traços de enunciados anteriores. Com o desenvolvimento das tecnologias digitais, a Linguística Textual passou a observar a formação dos enunciados na atualidade, considerando, por exemplo, os gêneros do discurso que circulam nas redes sociais virtuais, motivados por diferentes propósitos comunicativos. Nessa perspectiva, torna-se relevante investigar as características dos gêneros discursivos digitais, a exemplo dos aspectos dialógicos que são favorecidos pela multimodalidade e pela possibilidade de interação instantânea entre os interlocutores. Diante disso, o objetivo deste trabalho foi investigar aspectos que apontam dialogismo em um *post* de *Facebook*, publicado pela página *Gramática sarcástica da língua portuguesa*, tendo em vista o emprego de recursos multimodais e o jogo de sentidos constituído pelos recursos lexicais. O *post* apresenta uma notícia falsa, em cuja manchete lê-se que “Portugal implanta barreiras linguísticas para evitar entrada de variante brasileira”. Para analisá-lo, foi realizada uma pesquisa qualitativa e netnográfica, tendo em vista os pressupostos teórico-metodológicos de Araújo (2019), Bakhtin (2016), Fiorin (2006), Kozinets (2014) e Xavier (2010, 2013). A investigação evidenciou que palavras utilizadas no *post* (como “barreira” e “variante”), além do recurso visual (foto de um aeroporto), contribuíram para a construção de um jogo de sentidos entre COVID-19 e preconceito linguístico, gerando humor e crítica. Ressaltou-se, na análise, o dialogismo no *Facebook*, uma vez que identificamos, no *post* em questão, aspectos que favorecem o reconhecimento de enunciados anteriores em postagens de *Facebook*, como aspectos linguísticos e visuais.

### Palavras-chave:

Dialogismo. *Facebook*. Gênero discursivo digital.

---

<sup>1</sup>Agradecemos à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia *campus* Vitória da Conquista e à CAPES pela bolsa concedida à mestranda Sandy Tavares de Almeida. O conteúdo deste trabalho é produto do amparo dessas instituições.

## ABSTRACT

According to Bakhtin (2016), in every statement there are traces of previous statements. With the development of the technologies, the Textual Linguistics started to observe the formation of the statements nowadays, considering, by example, the genres of discourse that circulate in virtual social networks, motivated by different communicative purposes. In this perspective, it is relevant to investigate the characteristics of digital genres of discourse, like the dialogic aspects that are favored by the multimodality and the possibility of instantaneous interaction between interlocutors. Therefore, the objective of this work was to investigate the aspects that indicate dialogism in a Facebook post, published by the *Gramática sarcástica da língua portuguesa* page, in view of the use of multimodal resources and the game of meanings constituted by lexical resources. The post features a fake news item which reads the headline "Portugal implements language barriers to prevent entry of the Brazilian variant". To analyze it, a qualitative and netnographic research was carried out, considering the theoretical-methodological assumptions of Araújo (2019), Bakhtin (2016), Fiorin (2006), Kozinets (2014) and Xavier (2010, 2013). The investigation showed that words used in the post (such as "barrier" and "variant"), in addition to the visual resource (photo of an airport), contributed to the construction of a game of meanings between COVID-19 and linguistic prejudice, generating humor and criticism. Dialogism on Facebook was highlighted in the analysis, as we identified, in the post in question, aspects that favor the identification of previous utterances in the posts, such as linguistic and visual aspects.

### Keywords:

Dialogism. Facebook. Digital genre of discourse.

## 1. *Considerações iniciais*

A formação do indivíduo enquanto sujeito perpassa pela sua capacidade de fazer uso da linguagem e, por meio dela, situar-se no mundo. É nesse sentido que, como postula Bakhtin (2016), toda e qualquer atividade humana é realizada pelo uso da língua. Essas atividades têm caráter social e são materializadas nos mais diversos gêneros do discurso existentes em todos os âmbitos e campos de atuação humana. Regidos por três pilares de base, os quais Bakhtin (2016) denomina como sendo conteúdo temático, estilo – individual ou do gênero – e estrutura composicional, os gêneros discursivos estão em constante surgimento e atualização, pois se manifestam em conformidade com os avanços e necessidades de comunicação da própria sociedade. Desse modo, uma vez que a sociedade evolui, também os gêneros despontam, se ampliam, tomam novas formas, ocupam novos espaços e assumem, sempre mais, diversificadas funções na interação humana e em todo o corpo social.

Por conseguinte, se outrora eles só podiam ser identificados em textos orais e escritos, hoje, com o uso cada vez mais recorrente e neces-

sário da *internet*, em um mundo altamente globalizado e tecnológico, os gêneros do discurso têm assumido novas caras e roupagens. Com isso, a pluritextualidade, as multissemioses e a intertextualidade infinita, aparecem de modo cada vez mais frequente; sons, links, imagens, textos escritos e orais e diversas outras interfaces semióticas são tão facilmente envoltos em uma mesma produção que formas não lineares de leitura e compreensão são constantes e, por vezes, necessárias. A esse novo caráter que as formas linguísticas têm assumido, Xavier (2010) denomina hipertextos, ou seja, textos que constituem os chamados gêneros digitais, os quais são compreendidos como um sistema de linguagem de natureza flexível, híbrida e dinâmica, que têm por característica própria o acondicionamento de formas distintas de textualidade à sua superfície. Para Xavier (2010), a partir desses textos, o sujeito pode adentrar de modo mais proficiente às várias discussões que emergem a todo instante no mundo contemporâneo, pois essa forma textual viabiliza o acesso virtual e instantâneo às mais diversificadas questões, debates e impasses que despontam a todo momento ao redor do mundo inteiro.

Isso posto, consideramos que a linguagem possui caráter dialógico, que fica ainda mais explícito nas novas formas de interação no mundo hodierno que, em consequência das novas reconfigurações linguísticas já citadas, fazem com que os discursos se envolvam com extrema rapidez e facilidade.

Segundo Gomes (2016), lidamos, no ambiente digital, com a *Web 2.0*, marcada por possibilidades de interação, nas quais a imagem costuma ser o cerne da construção dos sentidos, com a popularização das redes sociais virtuais, como *Twitter*, *Instagram* e *Facebook*. Nos gêneros que circulam nessas redes, o dialogismo pode ser evidenciado em diversos aspectos – como nas possibilidades de comentários instantâneos nas publicações, compartilhamentos e reações; inserção de *hiperlinks* que direcionam o leitor para outras páginas; e utilização de recursos multimodais. Neste trabalho, destacamos o jogo de sentidos que se percebe em diversas publicações no *Facebook*. Dessa forma, nosso objetivo é investigar traços que apontam dialogismo em um *post* de *Facebook*, publicado pela página *Gramática sarcástica da língua portuguesa*, tendo em vista o emprego de recursos multimodais e o jogo de sentidos constituído pelos recursos lexicais.

Em consonância com Bakhtin (2016), assumimos que não é possível a existência de um enunciado neutro, que seja isento de partículas, traços, de enunciados anteriores. Portanto, uma vez que a língua é ins-

trumento de interação, em seu uso real e concreto, ela será sempre atravessada pelo discurso de um enunciador anterior, o que faz com que todo e qualquer discurso seja constituído por marcas de discursos alheios. Em meio a isso, o dialogismo atua como um fator pelo qual a compreensão torna-se exequível, pois é ele o responsável pelas relações de sentido que se estabelecem entre os enunciados e que perpassam os discursos. Nessa direção, o contexto, por sua vez, é o responsável por dar vida aos textos.

Para traçarmos a discussão proposta, apresentamos, na seção 2, o conceito de gênero do discurso, segundo Bakhtin (2016), e a concepção de gênero discursivo digital consoante Araújo (2016), que abarca o *post* de *Facebook*. Em sequência, traçamos um panorama dos estudos bakhtinianos a respeito do dialogismo da linguagem. A metodologia é apresentada na terceira seção, seguida da análise de um *post* de *Facebook*. As *Considerações finais* apontam uma síntese dos resultados encontrados e perspectivas de análise em *posts* de *Facebook*.

## **2. *Post de Facebook: um gênero discursivo digital***

Ancoradas em Bakhtin (2016), afirmamos que os gêneros do discurso são tipos relativamente estáveis de enunciados, orais ou escritos, produzidos pelos campos da atividade humana. À medida que esses campos vão se desenvolvendo, modificando e expandindo entre o corpo social, novos gêneros surgem e/ou se reelaboram. É evidente, desse modo, a pluralidade desses gêneros, já que, da mesma forma, são plurais as possibilidades de atividades em cada campo de sua utilização, seja ele acadêmico, jurídico, religioso, digital, entre outros. Conforme Bakhtin (2016), três elementos se interligam no conjunto do enunciado, a saber: o conteúdo temático, o estilo – tanto pessoal quanto do próprio gênero – e a construção composicional. Isso posto, se pensarmos, a título de exemplo, no campo acadêmico, poderemos elencar muito rapidamente gêneros cuja utilização é comum entre seus integrantes, como: resenhas, resumos, monografias, artigos e seminários. Do mesmo modo, também o campo religioso produz seus gêneros discursivos específicos; é o caso dos sermões, orações, jaculatórias, parábolas e cânticos. É possível destacar, ainda, gêneros do cotidiano, tais como receitas, músicas, cartas, e-mails e inúmeros outros, os quais não podem ser contabilizados devido à sua heterogeneidade. Diante disso, para Bakhtin (2016), o estudo do enunciado, em sua natureza e na diversidade de formas pelas quais aparecem

nos gêneros, é de grande importância para o campo da linguística. Nas palavras do filósofo:

Porque todo trabalho de investigação de um material linguístico concreto — seja de história da língua, de gramática normativa, de confecção de toda espécie de dicionários ou de estilística da língua, etc. — opera inevitavelmente com enunciados concretos (escritos ou orais) relacionados a diferentes campos da atividade humana de comunicação (...). Achamos que em qualquer corrente especial de estudo faz-se necessária uma noção precisa da natureza do enunciado em geral e das particularidades dos diversos tipos de enunciados. (BAKHTIN, 2016, p. 16)

Em se tratando de diversidade de formas dos enunciados, destacamos o hipertexto *on-line*, uma forma textual híbrida, imaterial, até certo ponto não-linear, “que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade” (XAVIER, 2010, p. 208), promovendo uma leitura sinestésica, na qual diversos sentidos podem ser acionados. O hipertexto surgiu com o advento do computador, mas hoje é também encontrado em outros aparelhos digitais, como *smartphone* e *tablet*. O ambiente digital possibilita que o hipertexto abarque diversas linguagens, o que o torna, segundo Xavier (2013), multissemiótico ou, conforme Rojo e Barbosa (2016), multimodal:

Texto **multimodal** ou **multissemiótico** é aquele que recorre a mais de uma modalidade de linguagem ou a mais de um sistema de signos ou símbolos 30 (**semiose**) em sua composição. Língua oral e escrita (modalidade verbal), linguagem corporal (gestualidade, danças, performances, vestimentas — modalidade gestual), áudio (música e outros sons não verbais — modalidade sonora) e imagens estáticas e em movimento (fotos, ilustrações, grafismos, vídeos, animações — modalidades visuais) compõem hoje os textos da contemporaneidade, tanto em veículos impressos como, principalmente, nas mídias analógicas e digitais. (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 108, grifos das autoras)

O hipertexto seria, então, não um gênero, mas um modo textual capaz de estender-se a diferentes gêneros (MARCUSCHI, 2010), modificando gêneros já existentes ou viabilizando o surgimento de novos, que têm, entre suas principais características, a multimodalidade: convergência de modalidades da linguagem em um todo enunciativo.

Devido ao auge das redes sociais virtuais, novas situações de comunicação e necessidades de interação surgem e, com elas, gêneros do discurso emergem organicamente – como é o caso do *meme*, gênero de cunho humorístico e/ou paródico que circula em redes sociais e em outros meios –, assim como publicação de *Instagram*, o *tweet* e o *post* de

*Facebook*, criados pelos programadores das plataformas. Araújo (2016) utiliza a expressão “gêneros discursivos digitais” para designar os gêneros que circulam no meio digital, destacando que o “digital” não é um campo da atividade humana, mas um ambiente plural no qual diversos campos transitam.

Como citamos, o *post* de *Facebook* é um dos gêneros discursivos digitais que circulam na rede social homônima e é um hipertexto (GUERRA; PEREIRA; PRADO, 2021). Atualmente, o *Facebook* se configura como a rede social mais utilizada no mundo inteiro, com 2,7 bilhões de contas ativas. Somente no Brasil, esse número alcança a marca de 130 milhões de contas. Nessa rede social, os usuários interagem com seus perfis pessoais e também em páginas de teores distintos: política, educação, arte, filosofia, humor etc. Além de poderem ter conversas particulares, os usuários podem fazer *posts*, acionando recursos como *hiperlinks*, imagens, vídeos, ícones, *emojis* e texto escrito.

Neste estudo, dedicamo-nos à investigação do *post* de *Facebook* na perspectiva dialógica. Portanto, na seção seguinte, discutiremos o conceito de dialogismo de acordo com os pressupostos bakhtinianos.

### **3. Princípio dialógico da linguagem**

Para Bakhtin (2016), a língua, compreendida como instrumento de interação, em seu uso real, em sua concretude, possui caráter dialógico. Isso significa dizer que não há possibilidade de existência de um enunciado neutro, que não converse com outros textos, dado que ele sempre estará em diálogo com outros enunciados – fator pelo qual é possível que eles sejam compreendidos. Nesse âmbito, o texto é vivificado pelo contexto, uma vez que a junção entre enunciados anteriores e posteriores permite um maior diálogo entre ambos e possibilita que eles se tornem ainda mais claros.

Ao tratar do dialogismo bakhtiniano, Fiorin (2006) afirma que existe, nos enunciados, uma “dialogização interna da palavra”, na qual as palavras do outro sempre exercem alguma influência, de maneira que a constituição do discurso de um enunciadador será continuamente atravessada pelo discurso de um outro enunciadador anterior. Por consequência, resta a todo e qualquer discurso carregar marcas de discursos alheios. Em meio a isso, o dialogismo encontra-se como sendo as condições, as rela-

ções de sentido, que se estabelecem entre os enunciados e que perpassam os discursos.

Nessas relações, os objetos do mundo estarão constantemente rodeados por discursos e, ainda como assinala Fiorin (2006), contornado por perspectivas, conceitos e opiniões de diversos enunciadores, de modo que poderá ser apresentado sobre diversos pontos de vistas: ora desacreditado, ora exaltado, ou até mesmo contestado, continuamente demarcado pelo discurso de outrem. Por essa razão, os discursos que se referem a qualquer objeto se direcionam aos outros discursos que o envolvem e, não, para a realidade em si. Com isso, consoante Bakhtin (2016), depreende-se que os enunciados estão em constante diálogo com outros enunciados, além de constituírem-se mutuamente. Para o autor:

Todo enunciado concreto é um elo concreto na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo. (...) Os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros. Esses reflexos mútuos lhe determinam o caráter. Todo enunciado é pleno de ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Todo enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo (e aqui concebemos a palavra “resposta” num sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. (...) Por isso, todo enunciado é repleto de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de um dado campo da comunicação discursiva. (BAKHTIN, 2016, p. 57)

Fiorin (2006) elucida, ainda, uma outra questão a esse respeito, quando discorre acerca do dialogismo de Bakhtin: o dialogismo está presente nos enunciados, que são situações reais de comunicação. Isto quer dizer que as unidades da língua, ou seja, sons, palavras e orações não ocupam uma posição dialógica entre si. A diferenciação básica entre esse dois pontos é a de que, enquanto podemos fazer uso repetidas vezes de determinado som ou palavra, um enunciado nunca pode se repetir, pois carrega consigo elementos próprios da situação comunicativa em que foi produzido, tais como entonação, uma avaliação, uma especificidade que lhe é própria da circunstância em que surgiu. Acerca do pensamento de Bakhtin em relação a este ponto, Fiorin (2006) destaca:

O filósofo não nega a existência da língua nem condena seu estudo. Ao contrário, considera-o necessário para compreender as unidades da língua. No entanto, ele mostra que a fonologia, a morfologia ou a sintaxe não explicam o funcionamento real da linguagem. Por isso, propõe a criação da translingüística, que teria como objeto o estudo dos enunciados, que signi-

fica dizer o exame das relações dialógicas entre eles, dado que são necessariamente dialógicos. (FIORIN, 2006, p. 20)

Cabe ressaltar, ainda, que unidades linguísticas e enunciados não são diferenciados por sua dimensão. Desse modo, o elemento diferenciador de ambos está no fato de que o enunciado é sempre reflexo de um diálogo do qual faz parte quando o discurso é produzido. Por isso, o autor defende que a alternância entre os falantes é o delimitador da dimensão de um enunciado, que acaba quando permite ao outro emitir alguma resposta acerca do que foi dito. Entende-se, assim, que não pode haver enunciado se não há, também, diálogo, uma vez que ele – o enunciado – será sempre uma postura tomada frente a determinada questão, numa situação comunicativa.

Fiorin (2006) elenca, ainda, algumas outras diferenças entre enunciado e unidades da língua: devido ao fato de que o enunciado será sempre revelador de uma postura perante alguma questão, é possível, logo, compreender que este sempre pertencerá a um enunciador. Por outro lado, as unidades linguísticas estão sempre à disposição dos enunciados, para neles serem utilizadas, e não estabelecem relações de pertencimento. Além disso, todo enunciado, quando produzido, direciona-se a um destinatário, ao passo que as unidades da língua não possuem alguém a quem se dirigir. Por isso, conforme Fiorin (2006), é válido dizer que os enunciados são carregados de marcas de ordem emocional, avaliativa e até de paixões, enquanto que as unidades linguísticas são neutras. Enfim, às unidades da língua está diretamente ligado o valor de significação, à medida que os enunciados possuem sentido, cuja ordem é dialógica — de modo que, para que se apreenda o sentido de um enunciado, é preciso ir mais além do que o significado das unidades linguísticas, mas chegar ao ponto de percepção das relações dialógicas empreendidas entre um enunciado e outro(s).

A seguir, descreveremos a metodologia adotada para a construção da análise do *post* de *Facebook* que será analisado.

#### **4. Considerações metodológicas**

O trabalho aqui realizado consiste em uma análise qualitativa, fruto de uma pesquisa netnográfica. De acordo com Kozinets (2014), a netnografia é tal qual a etnografia, mas que tem como objeto de estudo o ambiente virtual. Ela abrange variadas técnicas e abordagens de pesquisas e, assim como na etnografia, permite que o pesquisador se insira na

comunidade. No entanto, na rede virtual, o pesquisador pode passar por despercebido e há uma menor demarcação das questões éticas a respeito do consentimento para a disponibilização de dados. Dessa forma:

A netnografia adapta os procedimentos etnográficos comuns de observação participante às contingências peculiares da interação social mediada por computador: alteração, acessibilidade, anonimato e arquivamento. Os procedimentos incluem planejamento, entrada, coleta de dados, interpretação e adesão a padrões éticos. (KOZINETTS, 2014, p. 60)

O hipertexto que analisamos é um *post* publicado na rede social *Facebook*, pela página *Gramática sarcástica da língua portuguesa*, de cunho satírico, que tem como propósito comunicativo ironizar o tradicionalismo gramatical e o comportamento linguístico de viés purista. A biografia da página apresenta a seguinte descrição do seu conteúdo: “ironização do Português em sua forma culta, ou seja, da língua tal como a têm utilizado os caga-regras brasileiros do Purismo de cá”. Para investigá-lo, acessamos a referida rede social por meio de um computador e realizamos uma captura de tela, utilizando ferramentas de edição e salvamento de imagem.

Tendo em vista os pressupostos teóricos de Bakhtin (2016) a respeito do dialogismo e de Xavier (2010, 2013) sobre hipertexto, analisamos o referido *post*, considerando aspectos que evidenciassem o princípio dialógico da linguagem, como é discutido a seguir.

## **5. Dialogismo em um *post* de *Facebook***

A postagem que analisamos foi publicada no *Facebook* em 28 de maio de 2021, pela página *Gramática sarcástica da língua Portuguesa*, momento em que o Brasil e o mundo enfrentam a grave pandemia ocasionada pela disseminação do Coronavírus (SARS-CoV-2) ao redor do planeta. Como é possível observar, a publicação aparece como uma manchete de jornal. Observemos o *post*:

Figura 1: Post publicado no perfil *Gramática sarcástica da língua portuguesa*.



Fonte: Página do Facebook *Gramática sarcástica da língua portuguesa*. Disponível em: <https://www.facebook.com/gramaticasarcastica/photos/a.289739534713564/144057272970112/>. Acesso em: 12 de junho de 2021.

Para melhor visualização da parte verbal, que está na legenda na postagem, transcrevemo-la abaixo:

**Quadro 1: Legenda do post do perfil *Gramática sarcástica da língua portuguesa*.**

LISBOA (Reuters) – O governo português anunciou nesta sexta-feira a implementação de barreiras linguísticas para frear a contaminação do português europeu por variantes linguísticas brasileiras (transmitidas pela variedade pt-BR-1500). O fechamento dos aeroportos foi aprovado pelo Ministério da Educação e faz parte do novo pacote de medidas que vai endurecer ainda mais as condições do estado de calamidade, que será prolongado indefinidamente pelo presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa.

Embora as barreiras venham sendo projetadas para evitar todo tipo de contaminação estrangeira, a maior preocupação é com a contagiante cepa brasileira – contra a qual não existe vacina eficaz até hoje. Nos últimos anos, foram confirmados inúmeros casos de contaminação por variantes brasileiras, como “detento” (em vez de “detido”), “dica” (redução de “indicação”) e “berinjela” (corruptela de “beringela”), além de criações expressivas e onomatopaicas, como “bagunça” (no lugar de “desordem”, “confusão”), “toró” (“tempestade”) e “meleca” (“imundície”, “porcaria”), bem como tupinismos (“cumbuca” no lugar de “vasilha”) e africanismos (“cafuné” = “afago”) consagrados no Brasil.

“Cá estamos nós, preocupados com a variante tupiniquim. Já toleramos durante séculos a entrada de anglicismos e galicismos em nosso vernáculo, mas brasileirismo já é demais. Estamos a tomar medidas duras para prevenir esse contágio, que só tem afastado cada vez mais o Português da tradicional família linguística indo-europeia”, disse o presidente português.

Esta semana, o Ministério da Educação voltou seu arsenal de revisores para a variante “parabenizar”, identificada em quatro viajantes que passaram pelo Brasil e retornaram a Portugal. No país, as únicas formas consideradas salutares com esse sentido são “felicitar” ou “parabentear”; e todo cidadão lusitano que “parabenize” alguém é automaticamente diagnosticado como infectado. Para escapar do diagnóstico positivo – e do consequente confinamento –, há gajos que têm procurado no máximo “dar os parabéns”.

Para brasileiros em território português, outras medidas foram tomadas. Mais de 40

mil estudantes de nacionalidade brasileira – muitos dos quais já vinham declarando ter ouvido em salas de aula, inclusive de professores lusitanos, que o português que falam é contaminado, quando não uma aberração mutante – já foram isolados e se encontram em quarentena. Ao protestarem pelo tratamento dado a “detentos”, foram corrigidos pelas autoridades: “D-e-t-i-d-o-s’. ‘Detentos’ é variante brasileira, e usá-la só reforça a razão do confinamento”.

Os que ainda não foram encarcerados temem por isso a todo instante. Ao ser abordada por fiscais da Academia das Ciências de Lisboa e tentar esclarecer que não estava acometida de nenhum mal grave, mas apenas “gripada”, uma brasileira foi rapidamente confinada, sob a justificativa de que, no país, ninguém fica “gripado”, e sim “engripado” ou “com gripe”.

Com cidadãos lusitanos, a vigilância não tem sido menos exigente. Em Sintra, vila de Lisboa, uma advogada entrou com pedido de habeas corpus para portugueses que foram confinados em isolamento profilático logo após regressarem do Brasil, por “chegarem no país” em vez de “chegarem ao país”. Apesar de seus testes de pt-BR resultarem negativos, foi imposto a eles um isolamento de 14 dias. O juiz que atendeu o caso declarou “inconstitucional” a resolução de privar “qualquer cidadão nacional ou estrangeiro da liberdade por apenas flertar com um dialeto que, hoje em dia, é 14 vezes mais falado, lido e escrito que o idioma original”.

Fonte: Página do Facebook *gramática sarcástica da língua portuguesa*. Disponível em: <https://www.facebook.com/gramaticasarcastica/photos/a.289739534713564/1440507272970112/>. Acesso em 12 de junho de 2021.

No *post* acima, observa-se que o enunciado atua como uma notí-cia *fake*, que dialoga com várias questões que envolvem tanto a pandemia de COVID-19, como foi mencionado, quanto tópicos relacionados ao purismo linguístico. Por se tratar de um hipertexto online, nota-se que o texto é formado por semioses diversas, que inclui texto escrito, o uso de uma imagem, além da possibilidade de reações, comentários, links de envios e compartilhamentos, entre outros. Para situarmos nossa análise, entendamos, primeiramente, que, em linhas muito gerais, por purismo linguístico podemos compreender a exagerada preocupação com a “pureza” da linguagem em relação à determinada variedade de um idioma. Assim sendo, conforme Bagno (2013), os puristas tendem a defender a “pureza” da linguagem contra quaisquer maneiras de inovação, as quais eles compreendem como formas que caracterizam certa decadência ou ruína da língua.

Em segundo plano, entendamos, também de forma breve, o que caracteriza uma variante da COVID-19. Conforme o site da CNN Brasil (2021), as mutações de um vírus são chamadas de variantes, que ocorrem quando uma cepa do vírus original passa a se comportar de outra maneira. No caso da COVID-19, diversas variantes do vírus foram identificadas ao redor do mundo, dentre as quais algumas se tornaram alvo maior de preocupação por parte dos órgãos de saúde, tendo em vista seu alto grau de contaminação, ou mesmo a possibilidade de maior resistência às

vacinas produzidas. Ainda de acordo com o site da CNN Brasil, até o mês de abril de 2021, três variantes eram consideradas como variantes de preocupação, sendo elas as cepas do Reino Unido (B.1.1.7), a cepa do Brasil (P.1) e da África do Sul (B.1.351 ou 501.V2). A cada vez que uma variante é reconhecida, medidas e barreiras nos territórios são necessárias para tentar contê-las e, a título de exemplo dessas medidas, podemos citar a suspensão da entrada de indivíduos provenientes desses países nos quais elas foram identificadas.

Isso posto, voltemos ao exemplo da página *Gramática sarcástica da língua portuguesa*. O conteúdo publicado pela referida página trata-se de um hipertexto que combina texto escrito, imagens e possibilita comentários, reações (como as curtidas), envios, compartilhamentos e outros links. Ele se apresenta como uma notícia, segundo a qual Portugal teria implantado barreiras linguísticas que evitam a entrada de variante brasileira. Essa variante, no entanto, é linguística.

Assim, é apresentada uma figura que se assemelha à uma manchete de jornal, em que há, ainda, a imagem de um aeroporto. Em seguida, na legenda do *post*, local em que se encontra a notícia em sua versão completa, é informado que as tais barreiras atuam como medidas (vide o fechamento dos aeroportos), as quais tentam conter a contaminação do português europeu pelas variantes linguísticas oriundas da cepa brasileira. Ressalte-se que, no texto, essa variante foi intitulada como “pt-BR-1500”, o que faz referência à abreviação de *português* (pt), à sigla do Brasil (BR) e ao ano de chegada das caravelas portuguesas ao território brasileiro (1500). Ao longo de todo o texto, o autor cita exemplos do que seriam esses casos de contaminação: de acordo com a legenda, tratam-se das variantes linguísticas em uso no Brasil, as quais não são aceitas, sobretudo, pelos puristas europeus. São exemplos as palavras: *detento*, *dica*, *bagunça*, *toró*, *meleca* – utilizadas no Brasil – que, em Portugal, estariam contaminando, respectivamente, as palavras: *detido*, *indicação*, *desordem*, *tempestade*, *imundície*.

Desse modo, o texto se estende no assunto citado, de forma que, ironicamente, aparecem até mesmo falas de chefes de estado supostamente consternados pela entrada de *brasileirismos*. Outro ponto interessante a ser destacado, na notícia, é a descrição das ações do Ministério da Educação Português, pelas quais, ainda conforme o texto, revisores buscaram analisar o caso da variante *parabenizar*, que fora identificada em quatro viajantes que passaram pelo Brasil e retornaram a Portugal. De acordo com o texto, as formas aceitas em Portugal para o referido verbo

seriam *parabentear*, como também *felicitar*, de tal maneira que o cidadão lusitano que viesse a *parabenizar* alguém seria dado como infectado e, logo, deveriam entrar em confinamento.

Não esgotaremos todas as análises que desse hipertexto são possíveis depreender. Por ora, cabe observar o jogo de sentidos com determinadas palavras, quais sejam: *variante*, *contaminação*, *cepa brasileira*, *contágio*, *confinamento*, *infectado*, *isolamento*, entre outras. Uma vez que o contexto é responsável por dar vida ao texto, observamos que o *post* foi publicado em meio às diversas discussões em voga na sociedade acerca das variantes da COVID-19, suas especificidades, os modos de combatê-las. De modo análogo, no texto, o autor fez uso dessas expressões e dessa realidade para criar uma notícia *fake* com tonalidades dialógicas, isto é, que conversassem, que estivessem em plena relação tanto com as questões que envolvem a COVID-19, enquanto uma doença contra a qual toda e qualquer nação deve lutar e combater, como com as questões que envolvem a forma de tratamento das variantes linguísticas brasileiras por partes dos puristas europeus. Assim, no *post* em análise, é possível inferir que a intenção do enunciador tenha sido expor, de forma exagerada e sarcástica, que os puristas enxergam as variantes linguísticas do Brasil como um vírus, uma doença, que tem contaminado o idioma em seu estado original. Ademais, é possível compreender, ainda, determinada intenção do enunciador em denunciar um comportamento pelo qual variantes linguísticas do português brasileiro (entre outras) tendem a ser estigmatizadas em vista das variantes do português de Portugal, expondo o desprezo com que formas linguísticas oriundas do dialeto falado no Brasil recebem por parte dos puristas europeus. A crítica, por sua vez, só pode ser compreendida pelo dialogismo que perpassa o enunciado, sendo entendida como uma atitude respensiva irônica e sarcástica ao discurso purista.

## 6. Considerações finais

Nossa análise teve como objetivo investigar os aspectos que apontam dialogismo em um *post* de *Facebook*, publicado pela página *gramática sarcástica da língua portuguesa*, tendo em vista o emprego de recursos multimodais e o jogo de sentidos constituído pelos recursos lexicais. Diante disso, consideramos que o referido hipertexto, por se tratar de um gênero hipertextual, envolvido por semioses múltiplas e carregado de vozes, tonalidades e marcas dialógicas em todo o seu conteúdo, é capaz

de confirmar os pressupostos bakhtinianos acerca da dialogia da linguagem como também confirma as considerações de Xavier (2010) em relação ao hipertexto e suas especificidades. Foi possível identificar as várias vozes que ecoam no enunciado (acompanhado de elementos não verbais), a sua resposta crítica e o seu preenchimento por discursos anteriores, o que evidenciam as relações dialógicas destacadas em toda a estrutura composicional e discursiva do *post* de *Facebook*.

Finalmente, salientamos que gêneros discursivos digitais, como o *post* de *Facebook*, configuram-se como novas formas de interação que podem propiciar a alunos e professores, em sala de aula, uma participação que seja significativa, crítica, que torne leitura e escrita não somente práticas escolares, mas, sobretudo, práticas sociais, com finalidade de contemplar diversos conhecimentos, promover debates, refletir sobre as relações dialógicas existentes na sociedade e lançar mão de olhares mais avançados sobre os impasses e enfrentamentos dos membros da sociedade no mundo hodierno.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Julio. Reelaboração de gêneros em redes sociais. In: ARAÚJO, Julio; LEFFA, Vilson (Org.). *Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?* São Paulo: Parábola, 2016. p. 49-64

QUEM são os puristas? *Marcos Bagno*, 2013. Disponível em: <https://marcosbagno.wordpress.com/2013/08/13/quem-sao-os-puristas/>. Acesso em: 03 de set. 2021.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, pós-fácio e notas de Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016, p. 11-70.

FIORIN, José Luiz. O dialogismo. In: FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008. p. 18-59

GOMES, Luis Fernando. Redes sociais e escola: o que temos que aprender? In: ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson (Org.). *Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 81-92

KOZINETS, Robert V. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Trad. de Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luis Antônio; XAVIER, Antonio Carlos dos Santos (org.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 15-80

ROJO, Roxane Helena Rodrigues; BARBOSA, Jacqueline Peixoto. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola, 2015.

XAVIER, A. C. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A. C. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 207-20

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. *A era do hipertexto: linguagem e tecnologia*. 2. ed. Recife: Pipa Comunicação, 2013.

Outra fonte:

O que você precisa saber sobre as variantes da COVID-19. *CNN Brasil*, 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/04/08/o-que-voce-precisa-saber-sobre-as-variantes-da-covid-19>. Acesso em: 12 de junho de 2021.